

ESPORTES

ENTREVISTA

Edição de Brasília dos Jogos da Juventude aposta em conexão entre comunicação, marketing e valores olímpicos. Diretora do COB e gerente do evento, Manoela Penna e Daniel Santiago explicam as nuances extras da missão

Para ir além das medalhas

DANILO QUEIROZ

Rio de Janeiro — A preparação para Brasília receber os Jogos da Juventude está a pleno vapor. No entanto, o

evento estudantil, marcado entre 10 e 25 de setembro, não será somente um espaço de evolução dos talentos olímpicos do país. A edição da capital federal pretende, ainda, ser um extenso hub de conexão de

comunicação, marketing e valores olímpicos. Parte de toda ambição está concentrada nos esforços de dois nomes: Manoela Penna, diretoria de comunicação e marketing do Comitê Olímpico do Brasil (COB), e

Daniel Santiago, gerente responsável pelo evento na entidade.

A dupla é um porto seguro de experiência em meio aos desafios da nova gestão do COB. De volta à entidade após três anos para

assumir o desafio de juntar as pastas, Manoela vê potencial de laboratório de inovações nos Jogos da Juventude. Daniel organizou outras edições do evento, mas não titubeia ao ver potencial para Bra-

sília organizar a melhor de todas. Por 15 dias, a capital federal será o centro do futuro olímpico do país, mas, ao mesmo tempo, também reunirá novidades de outras áreas importantes da engrenagem.

Você ficou três anos longe do COB. Como está o desafio da volta?

Manoela Penna: Saí para ir à França com a minha família. Estive envolvida com Jogos Olímpicos profissionalmente, mas nem pensava em voltar. Acompanhava, me relacionava com o COB. A gente falava que torcia para o sucesso das empreitadas. Eu estava feliz de turista. Quando o Marco Antônio La Porta ganhou a eleição, me convidou. Tem um desafio importante, que é reintegrar a área de comunicação e marketing. Estavam separadas. Na minha época, eu dizia que não devia ser assim. É uma disciplina única. O que o comercial vende, quem entrega é a comunicação.

É uma missão reintegrar as áreas?

MP: As plataformas digitais são uma super propriedade das marcas. A separação teve sucesso. Cada área foi muito bem-sucedida no trabalho desenvolvido de 2022 a 2024. La Porta me perguntou se eu toparia assumir as áreas integradas novamente. É um desafio que eu gosto. A ideia é fortalecer mais a marca e o canal olímpico. As redes sociais cumprem um papel nesse sentido. Os próprios Jogos da Juventude são um evento estratégico esportivamente, uma plataforma fundamental do COB para inovação. É nossa loja conceito, onde vamos mostrar tudo que temos.

O que significa, na prática, a junção de comunicação e marketing?

Daniel Santiago: É uma oportunidade que a gente tem de se comunicar com o público que normalmente o COB não fala. É um público muito diverso. Os Jogos da Juventude têm uma capilaridade que só esse formato de evento tem. E é o único proprietário do COB. Quando teve a notícia dessa mudança, a gente entendeu que passou a fazer todo o sentido. Vai muito além da competição esportiva. Tem lá todas as arenas com ativação. E essa integração com comunicação e marketing vai tornar o evento melhor no ponto do ponto de vista de entrega para as marcas parceiras do COB.

Como fazer os princípios olímpicos atingirem a juventude?

DS: São ações transversais ao longo do evento. Não só nos 15 dias de competição. Quando temos a definição dos inscritos, começamos a movimentar com palestras. Envolvemos treinadores, oficiais de delegação para falar sobre esporte seguro, combate ao abuso e assédio, antirracismo. Com relação aos valores olímpicos, o programa Transforma vai até a cidade, faz uma capacitação com os professores da rede de ensino para trabalharem o olimpismo em sala de aula. Sempre fazemos essa mobilização, junto à Secretaria de Educação, para ter esse desenvolvimento prévio e durante o evento. Para os atletas, a gente tem os centros de convivências. Todo ano tem um conceito e um tema, mas sempre falamos sobre os valores olímpicos.

Alexandre Loureiro/COB



E é algo já feito pelo COB?

MP: Temos uma área de valores olímpicos que, ao longo do tempo, desenvolve várias iniciativas justamente para levar os valores olímpicos à sociedade. Uma das iniciativas é o Transforma, que era o programa social da Rio-2016. Ficou esquecido. Hoje, ele é operado pelo COB. Atuou com mais de 50 mil crianças em escolas no Brasil. Onde os Jogos da Juventude vão, a gente atua com as escolas locais, levando as crianças para dentro do Centro de Convivência para ter uma experiência de valores olímpicos. São crianças em idade escolar. Nem todos vão virar uma Sarah Menezes, um Hugo Calderano, mas precisam ser impactados pelos valores olímpicos.

Os Jogos podem atuar como plataforma da agenda olímpica?

MP: A gente fala muito da agenda que tem os pilares de digitalização, de sustentabilidade, de esporte seguro. São pilares do movimento olímpico internacional. Temos também um caminho importante pela sustentabilidade. Ensinar o respeito ao meio ambiente, evitar o desperdício, reciclagem. Não utilizamos materiais descartáveis em nenhum lugar. Não usamos papel. No último, todas as lonas de identidade visual do evento foram para cooperativas. É um laboratório para as missões e grandes operações do Comitê Olímpico.

E de grandes proporções, certo?

DS: É maior do que os Jogos Sul-Americanos, Pan-Americano Júnior. Tem outras variáveis, mas, em termos de número de atletas, só fica atrás do Pan adulto.

Divulgação/COB



Manoela Penna voltou ao staff do COB após hiato de três anos

A dimensão o torna um case perfeito para novidades?

MP: A gente consegue usar bastante do potencial dele. Não é por acaso que um evento com quase 20 anos. Ele foi mudando de formato, de nome, acoplando outras iniciativas. A área de desenvolvimento esportivo usa como laboratório para identificar talentos. Esse não é o principal objetivo dos Jogos da Juventude, mas é positivo encontrar atletas que evoluam.

Mas o evento também surge como lugar de evolução esportiva...

DS: Colocamos esse gostinho. Diferentemente dos outros eventos que os atletas passam, naquela vivência tem um temperinho do que seria uma missão. Levamos quem vai para os Jogos Olímpicos. Eles conseguem ter um pouquinho dessa experiência do que seria uma missão do COB. É só uma fração, mas é brilha os olhos e pode ser decisivo para se manter no esporte.

Divulgação/COB



Daniel Santiago lidera organização de mais uma edição dos Jogos

Isso também se aplica às modalidades?

MP: É um trabalho com os estados para o desenvolvimento esportivo. Existem os grandes polos, os grandes centros formadores de atletas, mas a gente precisa que o Brasil inteiro faça atletas em todas as modalidades. O badminton foi o esporte que a gente implementou e inseriu no programa dos Jogos da Juventude. Era pouco praticado no Brasil e, hoje, está nos 27 estados. Isso, a longo prazo, pode gerar outro Ygor Coelho. Hoje, essas modalidades passam a ser uma escolha das crianças. Não é só handebol, vôlei e atletismo.

O tiro com arco viveu processo parecido, certo?

DS: Foi inserido em 2023 e, em 2024, mais do que dobrou o número de participantes. Houve um aumento no número de federações estaduais e a confederação fez diversos programas de iniciação.

Uma decisão do COB repercute lá na ponta, especialmente na definição do estado na hora que ele vai fazer o seu evento escolar. Então, o tiro com arco passa a fazer parte da seletiva, que impacta milhões de atletas no Brasil. A gente incentiva que os estados falem com as federações das modalidades. Esses esportes não são praticados na escola, sabemos a realidade. Incentivamos essa comunicação para contribuir nesse processo seletivo. Impacta todo o sistema.

Há espaço para outras?

MP: Algumas confederações pediram. Quem não está, quer porque sabe o impacto. Quem sai, quer voltar. O futsal saiu (e voltará na edição de Brasília). Foi uma decisão do COB para acomodar outras modalidades individuais, sem impactar no tamanho do evento. Questão de momento e de estrategista de desenvolver certas modalidades, mas é um esporte importante e escolar. O Jorge Bichara (consultor esportivo do COB) fala que o Brasil tem uma ambição de ajudar o futsal a ser esporte olímpico. É potencial de medalha e é assim que os países trabalham. O Brasil quer ser um dos promotores do futsal no programa olímpico. Talvez não em Brisbane-2032, mas em 2036. Ter nos Jogos da Juventude é importante para isso. Olhamos com muito cuidado. Para transformar o Brasil em uma nação esportiva, precisamos ter pessoas que querem praticar tiro com arco, assistir esgrima, consumir produtos ligados ao esporte.

Como enxergam o potencial de Brasília nessa edição dos Jogos?

DS: Quando anunciamos Brasília, todo mundo cria uma expectativa de realização de um evento de alto nível. É evento que traz delegações de 26 estados mais do Distrito Federal. O desafio para chegarem é grande. São 15 dias com três blocos de competição. Temos cinco chegadas e três chegadas e partidas. O COB é o responsável pela hospedagem e esse atleta precisa sair para outro entrar. Tudo no mesmo dia. Quando leva para Brasília, se tem uma malha aérea que atende todo o Brasil, uma rede hoteleira concentrada e com muita quantidade de leitos, boas instalações para realizar. Sabemos onde vai ser o atletismo, piscina com 50m e os requisitos necessários. Quando a gente encontra uma cidade que tem uma estrutura esportiva robusta, como é o caso de Brasília, tem todos os equipamentos. Vamos fazer águas abertas no late Clube, fomos lá e está pronto. Não é nada parecido com os desafios de outras cidades. Estamos confiantes de fazer a melhor edição de Jogos dos últimos anos.

O que mudou em você no período longe do COB?

MP: Agora eu sou mãe. Com ela, eu aprendi a ser mais calma e trago isso para o trabalho. Foi importante ver de longe depois de ter vindo para cá. Sempre trabalhei com esporte. Fui buscar meu sonho olímpico com comunicação e trabalhando com o esporte desde o primeiro dia da minha carreira, mas eu nunca imaginei que eu pudesse trabalhar no Comitê Olímpico do Brasil, embora eu sempre tivesse sonhado inconscientemente com isso. Quando eu fui convidada foi um grande aprendizado e reconhecimento. Essa pausa de três anos, me deu um distanciamento legal. Vivi de novo a cidade-sede dos Jogos, mas em outro momento. O que mudou foi essa nova ótica que eu consegui enxergar no movimento olímpico.

E como fazer para renovar o fôlego a cada nova edição dos Jogos?

DS: É relativamente fácil pela potência do evento, pela capacidade de alcance e mudança na vida de quem participa. Sem nenhuma demagogia, é o nosso maior incentivo e combustível. É duro. Precisamos pensar os Jogos o ano inteiro, olhar cada detalhe e trabalhar dia a dia para que as coisas aconteçam. É bastante exaustivo também do ponto de vista de carga horária. É um projeto muito grande, mas que o resultado dele impacta tão diretamente que você se abastece disso. Tive experiências interessantes como atleta, disputei quatro edições do Pan, mas a primeira nos Jogos da Juventude eu fiquei mais impactado. Aquilo me tocou esportivamente muito mais. Você vê o brilho no olho dos atletas como quem dissesse "nossa, a gente está em um evento olímpico". É o que faz a gente ter muita alegria. É um privilégio.

*** O repórter viajou a convite do Comitê Olímpico do Brasil (COB)**

Giro esportivo

World Surf League/Divulgação



Brasil bem no surfe

Filipe Toledo deu show nas ondas de Punta Roca, em El Salvador, ontem, e avançou direto ao round 3. Além dele, Italo Ferreira, João Chianca, o Chumbinho, Yago Dora, Ian Gouveia e Deivid Silva se classificaram.

Willian Oliveira/Santo André



Cerrado na LBF

O Cerrado tem novo compromisso pela Liga de Basquete Feminina (LBF), hoje, às 20h, contra o Unimed Campinas. O time candango chega motivado por uma vitória no último jogo e mira embalar.

Simon Maina/AFP



Futebol feminino

O presidente da Fifa, Gianni Infantino, anunciou, ontem, que os Estados Unidos e o Reino Unido são os únicos candidatos a sediar as próximas edições da Copa do Mundo feminina, agendadas para 2031 e 2035.

Hector Retamal/AFP



Doping de Sinner

O caso de doping do tenista Jannik Sinner voltou a ganhar o noticiário, com a fala do ex-preparador físico Umberto Ferrara. Ele se defendeu e acusou o fisioterapeuta Giacomo Naldi como culpado.

Adrian Dennis/AFP



Gabriel Magalhães

Destaque do Arsenal e titular na zaga, Gabriel Magalhães passará por cirurgia por causa de uma lesão na coxa e está fora da temporada. Ele deixou o gramado no duelo com o Fulham, reclamando de dores.

Ueslei Costa/Capital



Sob nova direção

O Capital está sob novo comando para a Série D do Brasileiro. Ontem, o técnico Roberto Fernandes se apresentou à equipe e iniciou os trabalhos à frente do grupo de jogadores.